

Forte de S. João Baptista do Monte Brasil



Vista aérea do Forte de São João Baptista (Arq. Regimento de Guarnição 1).

Com a crise do império marítimo português na primeira metade do séc. XVI, D. João III reagiu como manda a boa estratégia: quando se perde poder no mar, tem de se aumentar a defesa em terra. O resultado prático desta política são os fortes de S. Brás (P. Delgada), S. Sebastião (A. do Heroísmo) e S. Cruz (Horta). Em 1580, Felipe II assume a coroa portuguesa, com a justificação de que a herdou, conquistou e comprou. Em 1582, em frente à Vila Franca do Campo, Álvaro de Bazam acaba com as pretensões de D. António, Prior do Crato, ao trono de Portugal. Em 1583, o mesmo almirante elimina a “rebelião” terceirense. Em 1588, com a derrota da “invencível” armada, inicia-se o fim do predomínio dos Habsburgos no mar e a emergência das potências navais nórdicas. Tal como aconteceu com Portugal, algumas dezenas de anos antes, reagem fortificando terra. A Espanha tinha necessidade absoluta em constituir um ponto de apoio fortificado no meio do Atlântico, para proteger o vital fluxo da prata colombiana e prevenir uma eventual sublevação da população local. Assim nasce a fortaleza de S. Filipe do Monte Brasil, na ilha Terceira.

A sua localização pode ser atribuída ao mestre de campo Juan de Urbina, a planta ao engenheiro-mor Tiburcio Spanochi e a sua execução a Anton Coll. Com a primeira pedra lançada em 1593, as suas obras, por dificuldades financeiras, ainda decorriam em 1617. Em estilo abaluartado poligonal, com características italianas, inteligentemente “acomodado” ao terreno, é básica-

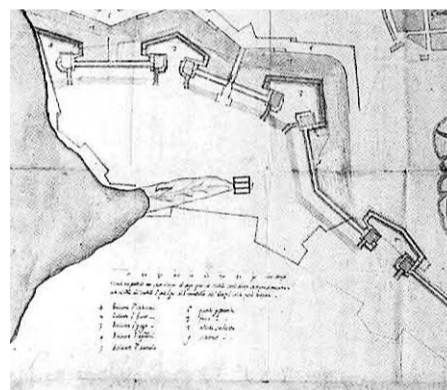
mente constituído por cinco baluartes e cinco cortinas. Mais tarde ou em simultâneo, é construída a extensa cortina de Santo António, que liga o baluarte de S.ta Luzia ao forte de S. António, incorporando os fortes mandados levantar por Ciprião de Figueiredo. Com a construção da cortina do Zimbreiro e o forte da Quebrada, o Monte Brasil ficou transformado numa formidável fortaleza, consequência do seu sistema fortificado que podia instalar 154 canhões, das suas costas alcantiladas, da capacidade de sobrevivência permitida pelos terrenos que controlava e possibilidade de armazenamento de água. Estas capacidades foram testadas durante o longo cerco montado pelas forças portuguesas após a Restauração de 1640, iniciado em 17 de Março de 1641 e que só obteve a capitulação das forças castelhanas em 4 de Março de 1642.

As ferramentas e a cal vieram do reino, a madeira foi serrada em diversas ilhas e a pedra foi cortada no Monte Brasil. Além de numerosos operários contratados, trabalharam nas obras condenados às galés e soldados castigados, com pragas, suor e sangue nas expressivas palavras do P.e Manuel Luís Maldonado. Calcula-se que o seu custo terá rondado um milhão e sessenta mil cruzados (uma soma enorme para a época), suportado pelo reino e pelos habitantes das ilhas.

O P.e António Cordeiro na História Insulana refere a existência no forte de S. João Baptista de huma ainda mayor peça e muyto celebre, e que chamão Malaca, mais com-



PÓRTICO PRINCIPAL (COL. PARTICULAR)



PLANTA DO FORTE (ARQ. GERAL DE SIMANCAS, 1595).



GUNGUNHANA, GODIDE, MOLUNGO E ZIXAXA NO DIA DO BAPTISMO (COL. CARLOS ENES)

prida e mais grossa em excesso. Estava posicionada na bateria que ficou designada pelo seu nome. Este magnífico exemplar, uma bombarda em bronze, ornamentada, com 3,3 m de comprimento, 5.000 Kg de peso, foi mandada fundir no princípio do séc. XVI pelo rei de Calecute que a ofereceu ao rei de Malaca. Capturada por Afonso de Albuquerque, em 1511, foi mandada para Angra por Felipe II. Recolhida para Lisboa em 1771, encontra-se hoje exposta no Museu Militar de Lisboa.

Com a partida dos espanhóis em 1642 é rebaptizado de forte de S. João Baptista e sofre melhoramentos no seu sistema defensivo. Data desta época a construção da igreja de S. João Baptista, a fim de substituir a

Gungunhana

Mdungazwe Ngungunyane Nxumalo ou N'gungunhana, último imperador vátua, envolve-se nos levantamentos insurreccionais no Sul de Moçambique iniciados em 1893, acabando por ser aprisionado em Chaimite, em 28 de Dezembro de 1895, por Mouzinho de Albuquerque. Acompanhado pelo seu filho Godide, e outros dignitários, é exilado para os Açores, chegando a Angra do Heroísmo, em 27 de Junho de 1896, a bordo da canhoeira Zambeze. Internado no forte de São João Baptista, com o decorrer do tempo foi-se movimentando com mais liberdade, acabando de certo modo por se integrar no meio angréense. Baptizado em 1899, com o nome de Reinaldo Frederico Gungunhana, falece em 1906 e é sepultado no cemitério da Conceição. Em 1985, os seus restos mortais são entregues, simbolicamente, à República Popular de Moçambique. ♦

pequena ermida espanhola de S.ta Catarina de Sena. Esta igreja foi danificada por um incêndio no séc. XIX, servindo depois de refeitório e caserna, sendo apenas restaurada no início de 2000.

Na década de sessenta do séc. XX o forte sofre alterações na área dos aquartelamentos, sendo construídos de raiz, dois blocos de casernas, refeitório, cozinha para praças e parques para viaturas, acção que descaracterizou consideravelmente o seu conjunto arquitectónico.

Face às suas condições de segurança, foi por vezes utilizado como centro de detenção, aqui estiveram D. Afonso VI (1669-1674), Gungunhana (1896), 750 alemães na Grande Guerra de 1914-1918, o General Gomes da Costa (1926) e o Dr. João Soares (1933), entre outros.

O forte foi ininterruptamente ocupado desde o séc. XVII por forças militares, nele estando actualmente aquartelado o Regimento de Guarnição nº 1. ♦

JOSÉ SALGADO MARTINS

Coronel. Investigador Militar
salgadamster@gmail.com

PROMOTOR



Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura